



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAL E PUBLICIDADE**

**PAULO HENRIQUE DA SILVA GOMES**

**A MOBILIDADE INFORMACIONAL NOS ESTUDOS EM  
COMUNICAÇÃO:  
UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA**

Brasília

2021

**PAULO HENRIQUE DA SILVA GOMES**

**A MOBILIDADE INFORMACIONAL NOS ESTUDOS EM  
COMUNICAÇÃO:  
UMA ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA**

Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), como parte das exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof. Dra. Carina Luisa Ochi Flexor

Brasília

2021

Paulo Henrique da Silva Gomes

**A MOBILIDADE INFORMACIONAL NOS ESTUDOS EM  
COMUNICAÇÃO:**  
Uma análise bibliográfica

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dra. Carina Luisa Ochi Flexor  
Orientadora

---

Prof. Dr. Wagner Antônio Rizzo  
membro

---

Guilherme Ricardo Oliveira Alves  
membro

---

Prof. Dr. Elen Cristina Geraldes  
suplente

Brasília

2021

# **Mobilidade informacional nos estudos em comunicação: uma revisão bibliográfica<sup>1</sup>**

*Informational mobility in communication studies: a literature review*

Paulo Henrique da Silva Gomes<sup>2</sup>

Profa. Dra. Carina Ochi Flexor<sup>3</sup>

## **Resumo**

O advento das tecnologias da informação e comunicação e da cultura digital e, em especial, o crescente uso de artefatos ubíquos, colocou ao centro a noção de mobilidade e territórios informacionais enquanto aspectos que tensionam os espaços da *urbe* contemporânea. O presente trabalho tem como objetivo mapear artigos científicos que versem sobre a mobilidade informacional em estudos de Comunicação no período entre 2015 e 2020. A investigação parte da revisão de literatura, fazendo uso de uma perspectiva exploratória que adotou como base de dados o Google Acadêmico e Web Of Science, levantando produções a partir da palavra-chave *mobilidade informacional* e reconhecendo seus principais objetivos, abordagens teóricas dominantes e autores de referência, além dos métodos, técnicas e instrumentos adotados nesses diferentes estudos. Enquanto resultados, observa-se que a mobilidade informacional se apresenta como elemento essencial para a existência ubíqua, seja numa perspectiva de território da dominação ou de apropriação, principalmente, por meio de dispositivos móveis.

**Palavras-Chave:** comunicação; tecnologias digitais; espaços da urbe; mobilidade informacional.

## **Abstract**

*The advent of information and communication technologies and digital culture and, in particular, the growing use of ubiquitous artifacts, placed the notion of mobility and informational territories at the center as aspects which stress the spaces of the contemporary*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), como parte das exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (período letivo 2021.1)

<sup>2</sup> Jornalista graduado pela Universidade de Brasília, Distrito Federal, DF, Brasil. E-mail: genriquehomes@gmail.com

<sup>3</sup> Professora-orientadora do trabalho de conclusão de curso realizado na modalidade artigo científico. E-mail: carina.flexor@fac.unb.br

*city. The present work aims to map scientific articles that deal with informational mobility in Communication studies in the period between 2015 and 2020. The research starts from the literature review, using an exploratory perspective that adopted Google Scholar and Web Of Science as a database, finding productions based on the keyword 'informational mobility' and acknowledging their main objectives, dominant theoretical approaches and reference authors, in addition to methods, techniques and instruments adopted in these different studies. Informational mobility presents itself as an essential element for the ubiquitous existence, whether from a perspective of territory of domination or appropriation, mainly through mobile devices.*

**Keywords:** *Communication; digital technologies; urban spaces; informational mobility.*

## **1. Introdução**

Na atualidade, a mobilidade urbana encontra múltiplos desafios para o seu desenvolvimento. Consagrada pelas revoluções industriais, sua desenvoltura na sociedade ganhou novas dinâmicas e análises, sobretudo, com o reconhecimento de sua complexidade e subjetividade, aspectos extensamente debatidos nos estudos sobre territórios em diferentes áreas do conhecimento.

Mais além, pensar a cidade - seus territórios e deslocamentos - no contexto contemporâneo e, ainda, lançar um olhar atento aos desafios que se impõem, exige uma reflexão adensada acerca dos impactos que as tecnologias da informação e comunicação (TICs) vem exercendo sobre os modos de ser e estar na *urbe*. Deste modo, a percepção do que venha ser a mobilidade e como ela interfere na construção social, física e informacional dos espaços e da vida humana são os encaminhamentos apresentados neste trabalho.

Segundo André Lemos (2013), a ampliação das redes informacionais, os avanços nas tecnologias de geolocalização, dos sistemas de computação em nuvem e a evolução dos dispositivos móveis, com barateamento de custos, favorecem o desenvolvimento inteligente das *urbes*.

Ao abordar a ecologia das mídias, orquestradas por meio da mediatização e midiatização, Santaella (2013) repercute a inteligência constituída em sociedade como resultado do envolvimento com diferentes linguagens e mídias, independentemente do tipo tecnológico que as move para gerar questionamentos sociais e políticos. Contudo, a

computação possibilita a codificação das interações socioculturais e juntamente com a mobilidade torna diversa a aquisição de conhecimento.

Segundo a autora, a união da mobilidade física com os recursos tecnológicos para acessar o ciberespaço nos coloca diante de uma existência ubíqua. A ubiquidade tratada por Santaella (2013) propõe o uso de tecnologias para se comunicar em qualquer lugar e esse processo é ampliado pelo uso de dispositivos móveis, pois entramos num ciclo de presença contínua, quase onipresente (SANTAELLA, 2013, P.16). Ou seja, espaços nestas condições dependem de investimentos infraestruturais e de recursos tecnológicos, utilizados de forma humanizada, capazes de repensar o espaço de vivência social e elaborar políticas para manter a população informada, assim como estimular práticas sustentáveis e ecológicas (LEMOS, 2009, 2013; GOMES, 2005).

A partir disso, entende-se a mobilidade como o trânsito de elementos físicos, cognitivos e informacionais (LEMOS, 2009). Em outro campo do saber, o geógrafo brasileiro Renato Balbim (2017) atribui à mobilidade urbana os seguintes eixos:

Essencial, social, espacial, virtual, profissional ou de trabalho, etc. E subdivisões em que podemos encontrar o turismo e a moda, por exemplo, ou contabilizar as rotinas conforme o tempo de deslocamento, efetivando o ideal de vida urbana dedicada à circulação. Deste modo, a mobilidade urbana, segundo Balbim, deve ser entendida de forma sistemática e interdependente, pois todo efeito de um segmento possui impacto sobre os demais (BALBIM, 2017 apud GOMES, 2019).

A mobilidade informacional, por sua vez, redimensiona os lugares, juntamente com a mobilidade física, num território informacional, por meio de dispositivos móveis ou ativados pela localização e movimento do usuário (LEMOS, 2009, p.33). Contudo, a mobilidade urbana e seus diferentes eixos, no qual a mobilidade informacional se encontra, possuem poucas definições e determinações para que possamos ancorar um ponto de partida e avaliar contexto, inclusive, não há limites impostos para sua dimensão.

O que se pode agregar a lógica prevista por André Lemos para a mobilidade informacional é que ela está inserida numa sociedade complexa e repleta de relações de poder. Nestes espaços de vigilância, pode-se encontrar alteridades que permanecem desconsideradas diante de camadas privilegiadas, auxiliadas por ambientes pervasivos (SANTAELLA, 2013) em que o controle, a homogeneização e a massificação das coisas e de pessoas reforçam parâmetros institucionais e disciplinares (FOUCAULT, 2014). Assim, o comportamento dos

usuários se tornam dados coletados e, no uso de tecnologias de matrizes digitais, interferem nas experiências vivenciadas em sociedade.

Na prática, essas tecnologias estão inseridas no cotidiano citadino e, muitas vezes, naturalizado ao ponto de não serem interpretadas como uma lógica sistemática. Desde o uso de bilhetes de transporte público, compostos por tecnologias RFID, em que a aproximação gera o pagamento da passagem à diversão proporcionada pelo jogo Pokemon GO, em que há o uso realidade aumentada para conectar o ambiente virtual aos ambientes físicos ou mesmo com o aplicativo Waze, em que a geolocalização favorece o deslocamento geográfico e estabelecer pontos de referências alimentados pelos usuários. Outros exemplos incluem o Foursquare Swarm e outras redes sociais, onde os usuários demarcam locais por onde circulam, com impacto sobre processos econômicos, comerciais e políticos das urbes, ao avaliarem as práticas sociais, os direitos adquiridos e serviços oferecidos.

Rogério Haesbaert (2004) interpõe o contexto acima ao apresentar perspectivas conceituais sobre territórios, pelos quais as redes de fluxo e de conexão são territórios que promovem relações de poder e disputas simbólicas. Para isso, o autor detalha o conceito de território e a relação dele com as estratégias de domínio e de apropriação dos múltiplos espaços.

Segundo Haesbaert, o território está associado, etimologicamente, a duas conotações: dominação e apropriação. A dominação está conectada à propriedade, processo pelo qual envolve valor de troca e funcionalidade, enquanto a apropriação é caracterizada por simbologias constituídas durante a experiência vivenciada em sociedade. Segundo o autor, as duas lógicas deveriam se desenvolver na mesma proporção (HAESBAERT, 2007, p. 21). Entretanto, o autor ressalta que a acumulação capitalista coloca as articulações simbólicas (apropriação) em segundo plano, diante do domínio de técnicas voltadas à funcionalidade de sistemas hegemônicos.

Contudo, as Teorias dos Novos Movimentos Sociais (TNMS) demonstram como a organização coletiva racionalizada pode promover a disputa nos diversos territórios, inclusive para questões identitárias e simbólicas. De forma estratégica, competitiva e vezes burocrática, a TNMS oferece respostas à desmobilização política, provocada pelo caráter individual das reivindicações, pela massificação do capitalismo, operado, muitas vezes, pelo consumo (ALONSO, 2009. p.50).

Segundo Angela Alonso (2009, p. 60), professora de Sociologia, os novos movimentos preveem a desarticulação industrial por meio da tecnocracia da reprodução cultural. Segundo a autora, essa proposição trouxe como resgate a ideia de que a sociedade existe além das barreiras impostas pelos governos e pelo mercado, no qual o bem-estar, direitos e políticas equânimes são proporcionados por ações colaborativas. (ALONSO, 2009. p. 62). No contexto contemporâneo, com a sociedade da informação, a TNMS deixa de disputar narrativas com o Estado e outras corporações, para lidar com a difusão democrática de conhecimento, por meio dos fluxos de rede e das diferentes conexões.

Deste ponto, a TNMS potencializa o conceito de território, visto pela lógica da apropriação, ao utilizar mecanismos, instrumentos e ferramentas articuladas por esferas hegemônicas e dominadoras, conforme os conceitos atribuídos por Haesbaert (2004), para fomentar a disseminação do conhecimento e de informações, além de repercutir temáticas subjetivas, identitárias ou simbólicas, responsáveis pela compreensão dos múltiplos territórios, entre os quais a o território-rede, composto pela mobilidade, fluxo de rede e de conexão, são controlados nos processos de territorialização, conforme aponta Haesbaert (2004, p.05).

Deste modo, compreender o território onde estamos inseridos, nos oferece dimensões nas quais a mobilidade informacional atua e como podemos colaborar para a construção de um mundo mais humanizado e participativo.

Diante do exposto e, ainda, considerando os impactos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e dispositivos ubíquos sobre a urbe, o presente artigo propõe mapear as pesquisas sobre mobilidade informacional com o objetivo de identificar as principais discussões no campo da comunicação, reconhecendo seus principais objetivos, as abordagens teóricas e autores dominantes, além dos métodos, técnicas e instrumentos adotados nesses diferentes contextos. Teve-se, então, como objetivos específicos: a) definição dos critérios de seleção e catalogação das obras; b) leitura e análise de cada uma das obras; c) análise do conjunto das obras de acordo com os critérios definidos e apresentação dos resultados. Para seu desenvolvimento, o trabalho estruturou-se a partir de uma abordagem dedutiva, constituindo-se a partir de uma perspectiva qualitativa-exploratória, como será detalhado a seguir.

## 2. Desenho metodológico da pesquisa

Como destacado, importa a este trabalho compreender o *status quo* das pesquisas sobre mobilidade informacional no campo da comunicação no Brasil e, para isso, optou-se por um estudo baseado na revisão bibliográfica. A pesquisa desenvolveu-se a partir do desenho metodológico abaixo sintetizado através da Tabela 1 a seguir:

Desenho Metodológico		
Etapa	Execução	Descrição
1ª Etapa	Submissão da palavra-chave nas plataformas de dados	Verificou-se a performance dos materiais produzidos nas plataformas de dados Google Acadêmico e Web Of Science.
2ª Etapa	Inclusão de critérios	Designação dos materiais adequados à análise. No caso, busca-se artigos em detrimento de outros formatos textuais (teses, dissertações, livros, monografias, audiovisual). Assim como a preferência por materiais produzidos no idioma português diante de outros idiomas possíveis e, por fim, a demarcação temporal dos materiais, definida no período entre 2015 e 2020.
3ª etapa	Avaliação do material coletado	Verificou-se todos os critérios anteriores, para garantir adequação aos parâmetros buscados.
4ª etapa	Espaço de publicação	Separou-se os materiais publicados em periódicos dos publicados em anais ou congressos.
5ª etapa	Concentração	Análise dos campos de concentração dos materiais conforme a linha editorial das revistas de origem.
6ª etapa	Leitura	Leitura dos materiais inclusos no campo de Comunicação
7ª etapa	Análise	Verificação dos materiais, conforme as bases teóricas e metodologias utilizadas. Apontamentos feitos pelos materiais sobre a mobilidade informacional e alinhamento da análise às perspectivas abordadas no contexto inicial do trabalho.

Tabela 1: Etapas da Pesquisa. Fonte: elaboração própria.

O trabalho foi tecido, a priori, em três etapas, a saber: (1) seleção e catalogação das obras; (2) leitura e análise de cada uma das obras; (3) análise e aferições do corpus. A partir de busca sistemática pela palavra-chave *mobilidade informacional*, adotou-se como base de dados o *Google Acadêmico* e *Web Of Science*.

Foram aplicados alguns critérios para a conformação do corpus de análise e, nesse sentido, foram levadas em consideração, para a obtenção do levantamento bibliográfico, obras

que compusessem algum periódico científico ou estivessem presentes em Repositório Institucional de alguma Instituição de Ensino Superior. Não foram consideradas, então, teses, dissertações, monografias, trabalhos publicados em anais e mesmo textos em *blogs* especializados ou reportagens de veículos de comunicação. A busca considerou o período dos últimos cinco anos (2015 a 2020) justamente com o intuito de obter as pesquisas mais recentes no campo. Outro filtro aplicado se refere ao idioma e, nesse sentido, foi dada preferência por materiais em português, com o objetivo de aproximar as pesquisas da realidade nacional.

A primeira plataforma demonstrou uma maior quantidade de artigos nesses parâmetros, com a sugestão de 30 artigos nestas configurações, enquanto o *Web Of Science* (WOS) apresentou apenas cinco artigos. Além do número inferior de artigos, os materiais encontrados no Web Of Science possuíam algumas inconsistências, tanto para o acesso dos materiais como em suas titularidades, encontradas mais de uma vez incorretas e, por isso, seu uso foi limitado apenas quando o acesso de algum artigo exigia o registro numa instituição de pesquisa.

Dos 30 materiais selecionados, quatro foram excluídos por se tratarem de monografias, material em desacordo com o delineamento inicial, dirigido apenas para artigos. Além desses, o artigo *Entre o WhatsApp e a praça da “família” relato de uma experiência teórico-metodológica* aparece, na lista, publicado em duas plataformas diferentes. Neste caso foi utilizada a publicação efetuada numa instituição de ensino superior brasileira, como o critério descreve.

Artigos feitos para Simpósios ou Anais foram desconsiderados, concentrando esforços para a análise de materiais publicados apenas em periódicos. Os materiais selecionados se justificam pela pressuposta excelência acadêmica que devem possuir, uma vez que eles representam a linha de pensamento dos periódicos onde foram indexados e carregam consigo a responsabilidade de ser um capilar do conhecimento. Foram encontrados 11 artigos fora deste parâmetro e, por isso, foram excluídos.

Deste modo, 13 artigos contemplaram os critérios adotados nesta pesquisa, até essa etapa. Em seguida, eles foram distribuídos conforme as áreas de concentração. O demarcador “concentração” estabelece o campo de centralidade dos periódicos em que a *mobilidade informacional* foi difundida. Para determiná-lo, buscou-se o foco do periódico, presente nas bases de informações prestadas pelo corpo editorial em suas páginas oficiais.

Conforme a descrição acima seguem as áreas encontradas e o número de itens inseridos nestes segmentos, conforme pode ser observado na planilha: Ciências Sociais (02); Computação (01); Comunicação (04); Economia (01); Estudos Urbanos (01); Letras (03); Psicologia (01). Ao considerar o objetivo da pesquisa de compreender como a mobilidade informacional é disseminada pelos estudos de Comunicação, privilegiou-se a análise dos quatro artigos inseridos no campo da Comunicação.

Os quatro artigos analisados e seus respectivos autores são os seguintes: 1. *Comunicação organizacional e mídias móveis: possibilidades e desafios*, Camila Maciel Campolina Alves Mantovani e Maria Aparecida Moura 2. *Ubiquidade, mobilidade, conexão e selfies: os softwares estão entre nós*, Samara Kalil 3. *Entre o WhatsApp e a praça da “família” relato de uma experiência teórico-metodológica*, Amanda Nogueira de Oliveira e Alexandre Barbalho 4. *Telefonia móvel e seus significados para os consumidores: uma análise comparativa entre angolanos e brasileiros*, Silvio Koiti Sato.

Após a leitura dos materiais selecionados, observaram-se os parâmetros metodológicos e as bases conceituais utilizadas, assim como as discussões científica constituídas sobre o termo mobilidade informacional nos estudos de Comunicação, conforme a Tabela 2.

Análise individual dos materiais selecionados	
Marcador	Descrição
Objetivos	Identifica os principais objetivos propostos pelos autores.
Bases Teóricas/ Conceitos	Direcionado às principais correntes teóricas utilizadas para a formulação dos artigos analisados.
Metodologia/ Métodos	Aponta as metodologias inseridas nos artigos.
Metodologia/ Técnicas/ Instrumentos	Indica as ferramentas adotadas para a formulação dos materiais coletados.
Observações/ Citações	Neste espaço foram colocadas observações referentes aos artigos investigados, para análise posterior.

Tabela 2: Marcadores para análise individual dos artigos selecionados. Fonte: elaborada pelo autor

### **3. Sobre os resultados**

Os tópicos a seguir sintetizam os principais resultados encontrados durante a análise individual dos materiais. São apresentadas as principais metodologias e bases teóricas adotadas para a constituição dos artigos analisados, assim como as perspectivas construídas diante do termo mobilidade informacional. Nestes tópicos também estão inclusos os objetivos de cada artigo e apresenta-se as técnicas, instrumentos e autores apropriados para sua formulação.

#### **3.1. Sobre as metodologias**

As metodologias utilizadas pelos trabalhos analisados demonstram esforços na diversificação dos objetos examinados. Todos os trabalhos, inclusive esta pesquisa, utilizam o Estado da Arte para a exposição do cenário em que a mobilidade informacional se desenvolve.

Neste sentido, a revisão bibliográfica é predominante em todas as pesquisas que submetem o termo. Contudo as técnicas de pesquisa utilizadas são diversas e isso possibilita o enquadramento do termo em diferentes perspectivas. Encontra-se nos artigos prospecções dedutivas, entrevistas em profundidade e semiestruturadas, etnografias, netnografia e o uso de mecanismos para análises de dados digitais.

Para entender como as organizações operam estratégias para oferecer serviços e produtos, mediados pela mobilidade, Camila Mantovani e Maria Moura (2017) privilegiam a análise bibliográfica. Neste sentido, o trabalho se esforça para determinar o impacto das mídias móveis nas estruturas de organizações.

Samara Kalil (2017) parte da análise cultural de Lev Manovich e utiliza fotografias dispostas em redes sociais, contabilizadas por sistemas mecânicos, para determinar a relação da comunidade com os espaços geográficos, delimitados por critérios simbólicos (selfies x paisagens) e variados por aspectos demográficos das regiões analisadas. A autora busca compreender como os corpos são dispostos na sociedade por meio das imagens publicadas em redes sociais e pontua o impacto disso para a construção da identidade, representatividade e uso do espaço.

Amanda Nogueira e Alexandre Barbalho (2017), por outro lado, apropriam-se da etnografia, netnografia e entrevista semiestruturada para apontar aspectos de uso das redes sociais e dispositivos móveis durante a articulação de encontros de um grupo específico. Nisso,

os autores indicam o uso das mídias para potencializar a movimentação social em torno de simbologias e identidades convergentes, além de expor nesse processo a ampliação da ubiquidade entre os territórios virtuais e espaços físicos.

Como processo de observação, a pesquisa produziu um diário de campo durante o período de acompanhamento do grupo em questão, assim como registrou em capturas de telas as conversas realizadas por meio do aplicativo. Os autores também acompanharam os encontros programados pelos jovens analisados e participaram dos eventos como parte do método etnográfico, além de submeter alguns participantes a um questionário aplicado presencialmente durante as visitas às suas residências.

Silvio Koiti Sato, por sua vez, utiliza a entrevista de profundidade como método principal para comparar o uso de aparelhos celulares por brasileiro e angolanos e, deste modo, reflete aspectos socioeconômicos, comportamentais e afetivos presentes na relação dos indivíduos com os dispositivos móveis.

### **3.2. Sobre as bases teóricas**

Neste âmbito, os autores utilizam diversos conceitos para explorar a mobilidade informacional, sem que o termo em si seja a diretriz destes encaminhamentos. Ou seja, os pesquisadores não buscam explicar o que venha ser a mobilidade informacional, mesmo ela presente em outros embasamentos apresentados pelos autores. A mobilidade informacional fica subentendida nas abordagens em que as diferentes mobilidades são conceituadas ou quando os autores abordam fluxos de redes e de conexão, isso quando não são envolvidas pelas perspectivas em que os dispositivos móveis são apresentados como artefatos ubíquos.

Ao abordar aspectos da mobilidade numa contextualização da comunicação, Mantovani e Moura (2016) enfatizam a mobilidade como uma necessidade de fugir à imobilidade e, deste modo, atrela a circulação à sensação de vida para além de outros aspectos como trabalho, viagens, turismo, denominadas em seu artigo como migrações diárias e sazonais. As autoras fundamentam suas perspectivas nos conceitos de mobilidade abordados por John Urry e André Lemos. Embora a análise seja fundamentada em dispositivos móveis (celulares), as autoras reconhecem outras esferas da mobilidade, seja em mídias tradicionais ou no transporte público, demonstrando a interdependência (LEMOS, 2009; BALBIM, 2017) presente no termo.

Kalil (2017) se baseia em Lev Monovich para fazer uma leitura da sociedade por meio dos selfies e fortalecer os conceitos abordados pelo autor sobre a representação contemporânea das Sociedades dos Softwares. Segundo o artigo, o compartilhamento de selfies se torna uma extensão da identidade do público e dos modos de existência em sociedade, por meio dos territórios de conexão.

A etnografia desenvolvida por Nogueira e Barbalho acentua os conceitos da Sociologia da Juventude, estudada por Alexandre Barbalho e Walter Jaide. Entre os quatro artigos analisados, Barbalho é o único que se auto referencia, o que demonstra continuidade na linha de estudos sobre o uso do espaço pela juventude e suas práticas diante das mídias móveis e mecanismos de conexões.

Sato, por sua vez, concentra esforços para a compreensão da cultura da mobilidade e da sociedade em rede. Para isso, utiliza como principais autores André Lemos, Manuel Castells e Lúcia Santaella.

### **3.3. Sobre a mobilidade informacional**

Expõe-se neste tópico as perspectivas tratadas pelos autores quanto à mobilidade informacional, expressas em seus artigos. O termo aparece apenas uma vez em todos os artigos, o que demonstra uma baixa frequência.

No trabalho desenvolvido por Mantovani e Moura, as autoras imprimem o termo noutras formas, “mobilidade infocomunicacional” ou “fluxo informacionais” e o associam aos diferentes dispositivos móveis. Segundo ela, esses aparelhos alteram a “maneira como as pessoas se informam, se divertem, trabalham, estudam, consomem e expressam sentimentos” (p.52).

Para chegar a essas considerações, as autoras versam sobre presença histórica da mobilidade na evolução dos meios de comunicação seja “da oralidade para a escrita, da escrita para a imprensa, desta para as mídias eletrônicas (o rádio e a televisão), até chegar às tecnologias digitais, que promoveram a desmaterialização e a hibridação dos suportes” (MANTOVANI E MOURA, 2017, p.55).

Em suas considerações, as autoras ainda pontuam que os mecanismos móveis provocam mudanças na disponibilidade dos usuários que passam, segundo elas, a disposição ininterrupta

e vigiada. A partir disso, as autoras expressam técnicas e abordagens mercadológicas utilizadas para atingir o público, feitas por marcas e organizações durante a venda de produtos e serviços.

“Sendo assim, a comunicação estratégica no âmbito das mídias móveis vai muito além do desenvolvimento de campanhas, mas se refere à consolidação da presença da organização no ambiente móvel. Para tanto, várias ações, desde a criação de um aplicativo ou site responsivo até a adoção de nova postura (dialógica) em relação ao consumidor/cliente, representam passos importantes” (MANTOVANI E MOURA, 2017, p.60).

Neste ambiente, uma das preocupações das autoras é a forma como essas informações são direcionadas aos clientes, considerando seu perfil e localidade, e os cuidados estratégicos que devem ser tomados pelas marcas e organizações ao personalizar as mensagens, utilizando dados de uso e a preferência dos usuários a fim de evitar que os contatos se tornem incômodos ou ineficientes. Neste caso, a mobilidade informacional é tratada desde os mecanismos ubíquos, por meio dos dispositivos móveis, até o desenvolvimento de estratégias de alcance e retenção de usuários, dentro dos territórios informacionais.

Na abordagem de Kalil, a mobilidade informacional ressalta a ubiquidade do meio, ou seja, a conexão de informações independente do momento e do espaço, físico ou virtual (p.48). A autora inicia suas reflexões considerando como os corpos são objetos de análise para inúmeras áreas do conhecimento e, na comunicação, ganham proporções funcionais e expressivas quando analisadas juntamente com o uso de tecnologias de dispositivos midiáticos. “O corpo ganha vida ou sobrevive por meio de plataformas virtuais, em um contexto no qual as telas são as protagonistas e o pulsar das imagens segue guiando não só o olhar, mas as novas maneiras de existir” (KALIL, 2017, p. 47).

Segundo a autora, a performance do corpo no ambiente virtual é o que amplia a ubiquidade entre o virtual e físico. Com base em Lev Manovich, ela aponta que os *softwares* estão intrinsecamente relacionados com a humanidade, tendo seus códigos cada vez mais sintonizados com a cultura humana e em nosso contexto, representados nas selfies que expressam os corpos, mais do que simples imagens de autorretrato.

A partir disso, a autora ressalta como os softwares possibilitam esse transporte de imagens, informações, cultura e identidade, entendidos por estudos específicos para compreender a vida social, política e econômica.

A nossa sociedade contemporânea pode ser caracterizada como uma sociedade do software e a nossa cultura pode ser justificadamente chamada de cultura do software – porque o software hoje desempenha um papel central na formação de ambos os elementos materiais e muitas das estruturas imateriais que, juntos, compõem a cultura. (MANOVICH, 2008, p.15 apud KALIL, 2017, pg. 51).

Neste caso, a mobilidade informacional é apresentada como estruturas capazes de reduzir os distanciamentos entre os espaços físicos e virtuais, conforme a disposição dos corpos, o uso de tecnologias e softwares e a performance destes usuários nas redes de conexão.

Considerando aspectos geracionais que definem universalmente os grupos juvenis, Nogueira e Barbalho buscam entender como esses processos poderiam ocorrer num grupo específico de Fortaleza, Ceará. Devido ao contexto contemporâneo, a análise feita pelo autor supera a observação desse grupo nos espaços públicos e perpassa o relacionamento mantido virtualmente por meio de aplicativo específico, característico do que ele denomina como “geração digital” (p.87).

Neste caso, a mobilidade informacional é apresentada como espaço para práticas sociais e troca de informações, noção ampliada pelo uso de dispositivos móveis. Os autores ressaltam como os aparelhos são utilizados para assimilar o “capital tecnológico”, pelo qual distingue os indivíduos em esferas culturais, políticas, socioeconômicas e sociais (id.).

Como processo de observação, a pesquisa produziu um diário de campo durante o período de acompanhamento do grupo em questão, assim como registrou em capturas de telas as conversas realizadas por meio do aplicativo. Durante a análise, os autores destacam a linguagem mais próxima da prática oral e o uso de código próprio, representados pelo uso constante de *emojis* ou “carinhas” (p.90).

Os autores também acompanharam os encontros programados pelos jovens analisados e participaram dos eventos como parte do método etnográfico. Além disso, os pesquisadores submeteram alguns participantes a um questionário aplicado presencialmente durante as visitas às suas residências. Não há delineamento de quais aspectos o questionário trata, assim como não apresentação dos resultados da pesquisa. Destaca-se apenas o processo metodológico.

Assim, a mobilidade informacional proposta pelos autores está presente na troca de informações, de forma física ou virtual, manifestada pelos repertórios pessoais dos participantes da pesquisa. Fica explícito pelos autores como os dispositivos móveis são

condutores desta mobilidade e como o seu uso pode reduzir as barreiras entre os territórios físicos e as redes de conexões, assim como evidenciar as diferenças e os níveis de acesso para estabelecer a troca de informação. Ou seja, a mobilidade informacional como natureza de acesso e restrição.

Para explicar a mobilidade informacional, Sato (2015) indica perspectivas sobre o que é a mobilidade e como ela se estende pelas redes móveis, baseado em conceitos propostos por André Lemos, John Urry e Lúcia Santaella. Assim como os demais autores analisados, Sato aponta os celulares como representante proeminente da mobilidade informacional, tanto pelas inúmeras funções possíveis com os dispositivos quanto pela ubiquidade e velocidade promovidas pelos aparelhos.

A partir disso, o autor aponta como os aspectos identitários e culturais são acentuados pelas práticas de consumo e rituais de uso. Divergências entre a utilização do aparelho para o trabalho ou para a vida pessoal, quantidades de aparelhos e a troca de tecnologias são alguns pontos conduzidos pela análise do autor. Nesta base, a mobilidade informacional está submetida aos comportamentos dos usuários, sua faixa etária, propósitos e condições emocionais, familiares e socioeconômicas para o estabelecimento de conexão e difusão dos fluxos de rede.

#### **4. Considerações finais**

Nos artigos obtidos pela plataforma Google Acadêmico, entre 2015 e 2020, é possível apontar, primeiramente, que há poucos trabalhos publicados numa perspectiva em que a mobilidade informacional seja centro de discussão no âmbito da comunicação e isso significa, principalmente, que há um vasto campo de investigação.

Conforme ilustram os diversos autores percorridos ao longo da construção deste trabalho, a mobilidade é um tema emergente para a sociedade contemporânea. Sua interdependência com inúmeros setores da sociedade pode confundir análises enraizadas em determinismos e, por isso, exige do pesquisador dinamismo, interdisciplinaridade e, aparentemente, uma mente aberta. Pelo menos são esses aspectos ressaltados por Pompeu e Sato (2016) ao investigarem o Paradigma da Mobilidade e como ele é tratado pelas pesquisas em Comunicação. Neste sentido, o trabalho aqui busca contribuir essencialmente à

compreensão dos diferentes territórios em que a mobilidade se faz presente e, em específico, como a mobilidade informacional é abordada pelos estudos de Comunicação.

A mobilidade informacional versada nos estudos de comunicação é ambientada no território de fluxo de redes e conexões (HAESBAERT, 2004; LEMOS, 2009, 2013), manifestada pelo uso de dispositivos móveis e atravessada por lógicas e estratégias de consumo (SATO, 2015; MANTOVANI e MOURA, 2017), bem como é permeadas por expressões simbólicas e mecânicas capazes de ampliar a performance social de indivíduos ou de grupos e gerações distintas (SATO, 20015; KALIL, 2017; NOGUEIRA e BARBALHO, 2017), nas possíveis disputas territoriais, uma vez que os múltiplos territórios, segundo Haesbaert, são composto por relações de poder, sejam eles jurídico-político ou simbólico (HAESBAERT, 2007 p. 20-21).

Com as narrativas apresentadas pelos autores, a mobilidade informacional não se limita ao meio onde se difunde. Por este ângulo, observa-se o termo presente tanto em ambientes coletivos e organizacionais quanto situado no âmbito individual e personalizado, seja ele tangível ou não. Aspecto esse, apto para guiar o território informacional em ambas conotações apresentadas por Haesbaert (2004). Pois, ao mesmo tempo em que os dispositivos móveis apresentam inúmeras funcionalidades capazes de ampliar as dinâmicas estratégicas da vida cotidiana, eles potencializam as performances de corpos, símbolos e identidades, reforçados por sistemas e linguagens próprias.

O trabalho de Nogueira e Barbalho reforça ainda a tendência observada por Alonso, ao apontar como os movimentos sociais se organizam. Isso ocorre no contexto desde o uso de recursos simples para o diálogo à incorporação e reaproveitamento de sistemas, para causas próprias e distantes do debate com o Estado ou corporações. Pois, os jovens incluídos nesta análise, buscam apenas se reunir, onde quiserem e com seus iguais.

Outro aspecto predominante nas pesquisas analisadas é o uso de celulares ou *smartphones* como objeto central para o debate da mobilidade informacional nos estudos de Comunicação. Assim como a mobilidade é atrelada, muitas vezes, aos diferentes meios de transporte<sup>4</sup>, a mobilidade informacional, nos artigos analisados, reforça o dispositivo móvel supracitado como símbolo deste território de fluxos de redes e de conexão.

---

<sup>4</sup> Constantemente, uma pesquisa simples em qualquer plataforma de informação, demonstra a associação do termo “mobilidade” com diferentes meios de transporte.

Contudo, a mobilidade informacional efetuada nos territórios redes de fluxo de rede e de conexões (HAESBAERT, 2004) existe também por meio de outros artefatos ubíquos, como etiqueta *RFID*, *bluetooth*, *laptops*, *wi-fi* e tantas outras tecnologias de informação e comunicação, capazes de ampliar as relações entre diferentes culturas e sistematizar a inteligência produzida em sociedade, (LE MOS, 2009, 2013; SANTAELLA, 2013).

Além disso, como disposto anteriormente, uma busca pelo termo “mobilidade” em plataformas de buscas nos leva a entender as dinâmicas sociais propiciadas pelos meios de transporte. Contudo, a introdução deste trabalho nos direciona a existência de diversas mobilidades, tangenciadas por TICs, espacialidade, práticas sociais, etc. Por exemplo, os meios de transporte influenciam os espaços de trabalho, a mobilidade social, profissional, existencial, residencial (BALBIM, 2017) e tantas outras, mas eles não são a mobilidade em si. A circulação nestes territórios está além dos meios pelos quais elas se difundem e esses mecanismos apenas demonstram a interdependência presente nesses movimentos. Os trabalhos analisados esgotam essas prerrogativas ao demonstrarem em diferentes ângulos como a mobilidade informacional ocorre na sociedade, mesmo que o meio em questão seja o mesmo, os *smartphones*.

A mobilidade informacional nos estudos de Comunicação se estabelece como força motriz para o fim da cisão entre os espaços virtuais e físico, fortalecendo a ubiquidade da sociedade contemporânea (SANTAELLA, 2013), ao mesmo tempo em que lança mão de novas alternativas analíticas que sejam apropriadas às novas demandas impostas pela tal virada da mobilidade, anunciadas por John Urry.

Agora, se toda mobilidade possui efeito umas sobre as outras (LE MOS, 2009; BALBIM, 2017), entender a mobilidade informacional significa propor ações aptas à equalização de oportunidades, conhecimento e de técnicas (SANTOS, 2017). Assim, podemos superar a globalização perversa em que vivemos e fantasiamos para consolidar uma nova globalização, como delega Milton Santos (2017) aos intelectuais.

A mobilidade informacional, assim como os demais eixos da mobilidade urbana, quando atrelada aos estudos de comunicação demonstram versatilidade teórica e metodológica para lidar com diferentes territórios, mecanismos e artefatos que são indissociáveis às relações de poder e interações humanas. Logo, a sistematização deste conhecimento é só mais um passo para lidar com o movimento da sociedade e suas estratificações no tecido urbano.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, A. **As Teorias dos Movimentos Sociais: um Balanço do Debate**. In.: Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86, 2009.

BALBIM, Renato. **Mobilidade: uma abordagem sistêmica**. In: BALBIM, R.; KRAUSE, C.; LINKE, C. Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano. Brasília: IPEA, 2016, p. 23-42.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da cadeia**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FUINI, LL. **O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações**. Geografia Ensino & Pesquisa 21 (1), 19-29, 2017.

GOMES, P. H. S. **As narrativas midiáticas sobre o transporte informal no Distrito Federal**. In: O Direito como Liberdade: 30 Anos de O Direito Achado na Rua, 2019, Brasília. Anais do Seminário Internacional O Direito como Liberdade: 30 anos de O Direito Achado na Rua, 2019.

GOMES, W. S. **Internet e participação política em sociedades democráticas**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 27, p. 58-78, 2005.

HAESBAERT. R. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2021

\_\_\_\_\_. **Território e multiterritorialidade: um debate**. Geographia, Niterói, UFF, Ano 9, n. 17, 19-46, 2007.

KALIL, S. **Ubiquidade, mobilidade, conexão e selfies: os softwares estão entre nós**. Paradoxos, 2(2), 46-56, 2018.

LEMOS, A.. **Cidades Inteligentes**. GV Executivo, v. 12, p. 46-49, 2013.

\_\_\_\_\_. **Cultura da Mobilidade**. Revista FAMECOS (Online), v. 1, p. 28-35, 2009.

MANTOVANI, C. M. C. A.; MOURA, M.A. **Comunicação organizacional e mídias móveis: possibilidades e desafios**. Comunicação, Mídia e Consumo, São paulo, v. 14, n. 39, p. 50-66, 2017.

OLIVEIRA, A.N. de e BARBALHO, A. **Entre o WhatsApp e a praça da “família”: relato de uma experiência teórico-metodológica**. Comunicação & Educação. 22, 2, 85-94, 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua – Repercussões na cultura e na educação**. p. 13-22. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**, 26ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

SATO, Silvio Koiti . **Telefonia móvel e seus significados para os consumidores: uma análise comparativa entre angolanos e brasileiros**. Comunicação, Mídia e Consumo (Online) , v. 12, p. 71-88, 2015.